



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSIELY DA SILVA NASCIMENTO
MARIANE DO NASCIMENTO PEREIRA
THALITA LÚCIA ALMEIDA DE OLIVEIRA

**OS JOGOS PARALÍMPICOS DO ANO DE 2016 SOB O PONTO DE
VISTA EDUCATIVO: UMA ANÁLISE NA ÓTICA DA CONSTRUÇÃO
DE UMA SOCIEDADE INCLUSIVA**

João Pessoa

2017

JOSIELY DA SILVA NASCIMENTO
MARIANE DO NASCIMENTO PEREIRA
THALITA LÚCIA ALMEIDA DE OLIVEIRA

**OS JOGOS PARALÍMPICOS DO ANO DE 2016 SOB O PONTO DE
VISTA EDUCATIVO: UMA ANÁLISE NA ÓTICA DA CONSTRUÇÃO
DE UMA SOCIEDADE INCLUSIVA**

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação
apresentado ao Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba como requisito
para a obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia;

Orientadora: Dra. Lenise Lopes Sampaio
Co-orientadora: Dra. Maria das Graças Gonçalves
Vieira Guerra

João Pessoa
2017

N244j Nascimento, Josiely da Silva.

Os jogos paralímpicos do ano de 2016 sob o ponto de vista educativo: uma análise na ótica da construção de uma sociedade inclusiva / Josiely da Silva Nascimento, Mariane do Nascimento Pereira, Thalita Lúcia Almeida de Oliveira. – João Pessoa: UFPB, 2017.

36f.

Orientadora: Lenise Lopes Sampaio

Co-orientadora: Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Paralimpíada. 2. Práticas inclusivas. 3. Olimpíadas.
I. Nascimento, Josiely da Silva. II. Oliveira, Thalita Lúcia Almeida de. III. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37+796(043.2)

JOSIELY DA SILVA NASCIMENTO
MARIANE DO NASCIMENTO PEREIRA
THALITA LÚCIA ALMEIDA DE OLIVEIRA

**OS JOGOS PARALÍMPICOS DO ANO DE 2016 SOB O PONTO DE
VISTA EDUCATIVO: UMA ANÁLISE NA ÓTICA DA CONSTRUÇÃO
DE UMA SOCIEDADE INCLUSIVA**

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação apresentado ao Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Lenise Lopes Sampaio - UFPB (orientadora)

Dr. Galdino Toscano de Brito Filho - UFPB

Dra. Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra – UFPB

DEDICATÓRIA

Aos nossos pais e familiares, que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram nos
nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu grandioso Deus por me proporcionar a maravilhosa oportunidade de cursar uma faculdade e de me agraciar com o maravilhoso dom de ensinar. Aos meus pais, pelo amor, carinho, paciência e seus ensinamentos. Agradeço de forma especial ao meu pai Josinaldo e a minha mãe Betânia, por não medirem esforços para que eu pudesse levar meus estudos adiante, e ficarem com meu filho para que eu pudesse concretizar esse sonho. Em especial a meu esposo Leonardo e a minha cunhada Lidiane por me apoiarem e me ajudarem com meu pequeno Lael. Também ao meu filho Lael Ylai, pois ele foi e sempre será minha razão de lutar todos os dias. Agradeço as minhas amigas Mariane e Talita, por confiarem em mim e estarem do meu lado em todos os momentos. A professora Lenise Sampaio minha eterna gratidão, por toda orientação e ajuda que me foram dados, pela paciência, dedicação e ensinamentos que possibilitaram a realização desse trabalho.

JOSIELY DA SILVA NASCIEMNTO

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me dá sabedoria para terminar o curso, pois se não fosse as mãos misericordiosas do Senhor, eu não teria chegado até aqui. Também aos meus pais, que me incentivaram e apoiaram as minhas escolhas até hoje, a minha filha Ana Luíza, fonte das minhas expirações e responsável por não ter desistido do curso, já que durante essa etapa de conclusão do meu TCC, foi por ela que enfrentei diversos obstáculos para enfim terminar essa etapa da minha vida acadêmica. Meu enorme agradecimento concedo também para minha querida, amiga e orientadora Prof.^a e Dr.^a Lenise Sampaio, que foi chave principal para essa conquista, obrigado por cada “puxão de orelha”, por cada conselho, enfim a senhora merece toda a minha admiração e orgulho, por ser referência de superação, comprometimento e inclusão para com o próximo. E por fim as pessoas que passaram por mim nessa jornada tão importante da minha vida e deixaram de certa forma sua marquinha de contribuição para essa conquista, principalmente a minha dupla que lutou junto comigo Josiely e Thalita.

MARIANE DO NASCIMENTO PEREIRA

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para vencer os obstáculos ao longo do curso. A esta universidade junto ao seu corpo docente, direção e administração que me proporcionaram uma aprendizagem significativa. A minha orientadora Lenise Sampaio, pelo seu maravilhoso exemplo, incentivo, correções e apoio. Aos meus pais e familiares que de forma direta ou indireta sempre me incentivaram. Obrigada ao meu avô, que mesmo não estando mais presente entre nós, nunca mediu esforço para ficar com meu filho quando precisei. Aos alunos, alunas e professores que fizeram e fazem parte da “brinquedoteca” onde eu pude deixar meu filho tranquilamente, enquanto estava em aula. Ao meu filho Allam Gabriel que desde do início do curso, mesmo sem entender o “porquê” de se deslocar comigo em vários transportes públicos super lotados e sem nenhum conforto, conseguiu lutar comigo e vencer os obstáculos dessa longa jornada. Ao meu esposo pela paciência e dedicação de me transportar sempre que pôde para realização desse sonho. Obrigada Josiely e Marianne, que fizeram este trabalho da melhor forma possível.

THALITA LÚCIA ALMEIDA DE OLIVEIRA

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho tem como tema “Os Jogos Paralímpicos do ano de 2016 sob o ponto de vista educativo: uma análise na ótica da construção de uma sociedade inclusiva”. O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar os diversos aspectos percebidos durante a realização dos jogos Paralímpicos de 2016, os quais possam conter elementos educativos voltados para a construção de uma sensibilidade social inclusiva. A presente pesquisa se caracteriza como pesquisa bibliográfica e de campo. O instrumento para a coleta de dados foi um questionário com sete questões subjetivas, aplicadas a três professores da rede pública de ensino e entrevistas com os técnicos da seleção brasileira de Goaball feminino. A análise de dados foi feita com base nas respostas, aproximando o mesmo com o referencial teórico deste trabalho, tendo como principais itens a correlação entre a Olimpíada e a Paralimpíada, as práticas inclusivas adotadas pelos professores por meio da Paralimpíada, as mídias em relação as Paralimpíadas e os valores e preconceitos com relação aos paratletas. A partir dos questionários aplicados aos professores constatou-se que estes não realizaram, nem dimensionaram efetivamente as práticas inclusivas dentro da sala de aula.

Palavras-chaves: Paralimpíada; Práticas inclusivas; Olimpíadas.

ABSTRACT

This work has as its theme: The Paralympic Games of the year 2016 from the educational point of view: an analysis from the point of view of the construction of an inclusive society. With the general objective of this research: Analyze the various aspects perceived during the 2016 Paralympic Games, which may contain educational elements aimed at building an inclusive social sensitivity. The present research is characterized as a bibliographical and field research. The instrument for data collection was a questionnaire with seven subjective questions, applied to three teachers of the public school system and interviews with the coaches of the Brazilian Goaball women's team. The data analysis was based on the answers, approaching the same with the theoretical reference of this work, having as main items the correlation between the Olympiad and the Paralympics, the inclusive practices adopted by the teachers through the Paralympics, the media in relation to the Paralympics and the values and prejudices regarding the paratletas. From the questionnaires applied to the teachers, it was verified that they did not, nor did they effectively size the inclusive practices within the classroom.

Keywords: Paralympics; Inclusive practices; Olympiads.

LISTA DE SIGLAS

IPC – Comitê Paralímpico Internacional

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

NEEs – Necessidades Educativas Especiais

AEE – Atendimento Educacional Especializado

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PARALÍMPIADAS	16
2.1 HISTÓRIA DAS PARALÍMPIADAS	16
2.2 AS OLÍMPIADAS VERSO AS PARALÍMPIADAS.....	17
2.3. AS PARALÍMPIADAS E A ESCOLA.....	21
3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	25
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
5 CONCLUSÕES.....	31
REFERENCIAS	33
APÊNDICE	35

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui descrita propõe uma integração entre os dados obtidos em uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, trazendo como objeto de estudo *os Jogos Paralímpicos¹ do ano de 2016 sob o ponto de vista educativo: uma análise na ótica da construção de uma sociedade inclusiva*. Tendo como problema norteador o seguinte questionamento: em que medida os Jogos Paralímpicos de 2016 podem ser considerados uma referência de práticas inclusivas que contribuam para sensibilização e transformação de uma sociedade excludente?

Ao longo dos anos os jogos paralímpicos vêm conquistando espaço, atenção e respeito de milhares de pessoas no mundo. Palavras como força, superação, garra e perseverança descrevem o excelente desempenho dos atletas paralímpicos. Contudo, nessa pesquisa levantamos a hipótese de que os jogos paralímpicos de 2016 *ainda não representam espaço educativo geradores e construtores de uma consciência social inclusiva*. Não queremos com isso estabelecer nenhum comparativo entre os jogos anteriores, pois não temos dados para essa afirmação. No entanto, acreditamos que como pedagogas não devemos perder a oportunidade de analisar os fatos que giraram em torno desse evento, visto que vivenciamos o fato inédito de sermos o país sede de um evento de tão grande magnitude². Cabe considerar o alcance e a visibilidade que eventos como esses podem ter através do espaço ocupado em todos os tipos de mídias, o que pode torná-lo uma alavanca para disseminação de inúmeros valores morais, éticos e estéticos, tais como: solidariedade, compartilhamento, apoio mútuo, “[...] espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade [...]” (Delors, 2000, P.99), entre outros, especialmente porque envolve pessoas de todos os continentes do mundo o que gera uma imensa oportunidade de exibir, demonstrar convivência com a diversidade e ao mesmo tempo apresentar ao mundo novas possibilidades de enfrentar a discriminação oferecendo a comunhão das diferenças.

¹ Usaremos o termo “Paralimpíadas” devido a mudança feita para igualar ao uso de todos os outros países de Língua Portuguesa. Desde que os jogos para pessoas com deficiência começaram, os outros sete países que têm o Português como língua oficial (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste) já usavam a forma atual. Para que o Brasil não ficasse diferente dos outros países, o Comitê Paralímpico Internacional pediu que fosse feita a alteração. Em 2016 já foi usado o termo “Paralimpíadas”.

² De 07 a 18 de setembro, o Rio de Janeiro recebe os Jogos Paralímpicos 2016, em mais 11 dias de pura adrenalina e emoção. Ao todo, serão 528 provas, sendo 225 femininas, 265 masculinas e 38 mistas; divididas em 23 modalidades, que mostram ao público e espalham pela cidade os valores Paralímpicos: coragem, determinação, inspiração e igualdade. As competições ocuparão as 21 arenas presentes nas quatro regiões Olímpicas: Barra, Deodoro, Copacabana e Maracanã. A cerimônia de abertura e de encerramento acontece no Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã.

Consideramos que eventos onde concentram um grandioso número de pessoas com as mais diversas formas de deficiência física, mentais e sensoriais deveriam ser pontos de apoio para uma relação de referência para outros deficientes. Assim como para outras tantas pessoas não deficientes, mas que necessitam repensar seus valores, sua visão de mundo. É por exemplo, através de competências apresentadas pelos atletas e corpo técnico, como habilidades, atitudes, “[...] capacidade de comunicar e interagir com os outros, da compreensão mútua e capaz de formular seus próprios juízos de valores de modo a poder decidir como agir nas diferentes circunstâncias [...]” (DELORS, 2000, p.94), é que podemos influenciar, sensibilizar inúmeras pessoas na construção de uma sociedade inclusiva.

Entretanto, observamos que a sociedade em geral visualiza muito mais as deficiências e limitações do que as potencialidades dos esportistas. O atleta deve ser considerado e valorizado independente de competir nos jogos paralímpicos ou olímpicos.

Nesse contexto estabelecemos como objetivo geral dessa pesquisa: analisar os diversos aspectos percebidos durante a realização dos jogos paralímpicos de 2016, os quais possam conter elementos educativos voltados para a construção de uma sensibilidade social inclusiva. E construímos como objetivos específicos: a) buscaremos estabelecer uma correlação entre as olimpíadas e as paralimpíadas/2016 visando à equidade no que diz respeito aos valores disseminados de ambas; b) identificaremos através de uma pesquisa de campo, até que ponto os educadores que estão de “escola y”, na cidade de João Pessoa/PB, utilizaram as paralimpíadas/2016 como referência em suas práticas educativas; c) observaremos de que forma os educadores do ensino fundamental dimensionaram, sentiram, compreenderam o evento das paralimpíadas.

Com base em tais objetivos optamos por uma pesquisa qualitativa participativa e terá como instrumento de coleta de dados questionário com perguntas subjetivas, previamente formulados. Segundo Grossi (1981),

Pesquisa participante é um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes que são oprimidos. Portanto, é uma atividade de pesquisa, educacional orientada para a ação. Em certa medida, tentativa da Pesquisa Participante foi vista como uma abordagem que poderia resolver a tensão contínua entre o processo de geração de conhecimento e o uso deste conhecimento, entre o mundo "acadêmico" e o "irreal", entre intelectuais e trabalhadores, entre ciência e vida. (GROSSI, 1981, p.43 *apud* BRANDÃO, 1999, p.26)

O tema proposto no trabalho foi escolhido devido ao Brasil ter Sediado dos jogos paralímpicos 2016, além da nossa inquietação a respeito da pouca importância dada no sentido pedagógico de inclusão social tanto nas escolas como na comunidade escolar e nas mídias.

Segundo o comitê paraolímpico (2016), as paralimpíadas de 2016 marcaram a 16ª edição do evento. A primeira edição aconteceu em Roma em 1960, porém no final dos anos de 1940 já existiam competições para atletas com deficiência. Considera-se que tudo começou quando um médico alemão usou o esporte como forma de reabilitação para os soldados feridos na guerra mundial.

2 PARALÍMPIADAS

Nessa seção apresentaremos um breve histórico das paralimpíadas, o surgimento e os eventos ocorridos, especificando as primeiras modalidades e acontecimentos que marcaram esse evento.

2.1 História das Paralimpíadas

Historicamente pessoas com deficiência foram vistas praticando esportes na Alemanha em 1918, eram soldados que haviam sido mutilados na Primeira Guerra Mundial. Estas pessoas com deficiência participaram de competições de tiro e arco e flecha, logo depois em 1932, na Inglaterra foi criada uma Associação de Jogadores de Golfe que possuíam apenas um braço. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, muitos mutilados foram tratados pelo médico alemão Ludwig Gutmann, que usou o esporte para reabilitação destas pessoas, no Centro Nacional de Lesionados Medulares, em Stoke Mandeville, na Inglaterra. Em 1948, o neurocirurgião aproveitou os XVI Jogos Olímpicos de Verão para criar os Jogos Desportivos de Stoke Mandeville, apenas 14 homens e 2 mulheres participaram. Já em 1952, os Jogos de Mandeville ganharam projeção, contando com a participação de 130 atletas com deficiência, tornando-se uma competição anual.

Em 1958, quando a Itália se preparava para sediar as XVII Olimpíadas de Verão, Antônio Maglia, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, propôs que os Jogos de Mandeville do ano de 1960 se realizassem em Roma, após as Olimpíadas. Aconteceram então os primeiros Jogos Paralímpicos, as Paralimpíadas. A competição teve o apoio do Comitê Olímpico Italiano, e contou com a participação de 240 atletas de 23 países. Desde então os jogos paralímpicos começaram a acontecer nas mesmas cidades em que ocorriam os jogos Olímpicos, sempre após as Olimpíadas devido a adaptação dos espaços. Mesmo que os eventos relacionados a promoção dos atletas paralímpicos tivessem se expandido internacionalmente em 1952, só apenas em 1960 que a competição aconteceu fora do Reino Unido. De acordo com o Comitê Paralímpico, a cada ano que acontece as Paralimpíadas o número de atletas só têm crescido. Em 1960, eram 140 participantes, já em Pequim/2008, esse número chegou a 4000 atletas, em Londres/2012, foram mais de 4200 atletas e agora em 2016, foram 4500 atletas competindo.

Os jogos se fortaleceram devido ao empenho dos próprios deficientes em garantir seu espaço na sociedade, deste modo conquistaram a construção da Federação Mundial de Veteranos, a fim de discutir regras e normas técnicas. Ao longo dos anos, a competição foi crescendo muito e por problemas de organização, as Paralimpíadas de 1968 e 1972 ocorreram

em cidades diferentes da sede das Olimpíadas, constituindo exceções na história dos Jogos Paralímpicos. Em 1972 foi o primeiro ano em que a seleção brasileira teve participação nos Jogos Paralímpicos³. Em 1988, em Seul na Coreia do Sul, os jogos voltaram a ser disputados na mesma cidade que abrigou as Olimpíadas.

Segundo o Comitê Paralímpico (2016) os atletas são classificados em cada modalidade esportiva através do sistema de classificação funcional. Este sistema visa classificar os atletas com diferentes deficiências físicas em um mesmo perfil funcional para a competição. Os atletas com deficiência visual já passam por uma classificação médica baseada em sua capacidade visual. Apesar de estas classificações serem aceitas pelo Comitê Paralímpico Internacional – IPC existe muita polêmica em relação a estes sistemas e muitos atletas são protestam durante as competições. Existe a preocupação de que se considere as especificidades de cada deficiência a fim de proporcionar uma avaliação que mesure igualmente, essa classificação tem como meta garantir que a conquista de uma medalha por um atleta seja fruto de seu treinamento, experiência, motivação.

Segundo o comitê paraolímpico (2016)⁴ o termo “paraolímpico” começou a ser usado no ano de 1960, depois que Guttmann promoveu um evento esportivo, com dois grupos de arqueiros paraplégicos. O termo Paralímpico está relacionado ao sentido de paraplégico, o termo vem do inglês *paralympic*, que surgiu a partir do cruzamento de para (*plegic*) + (*o*) *lympics*. O símbolo das paralimpíadas são três arcos, na cor vermelha, verde e azul que representam “espírito em movimento”. No Brasil em 2016, o termo “paraolimpíadas” passa a ser “paralimpíadas” a partir da decisão tomada pelo Comitê Internacional, haja vista que era utilizado por todos os países de língua portuguesa. A mudança para o termo paralimpíada foi anunciada em novembro de 2011, durante o lançamento da logomarca dos Jogos Paralímpicos de 2016.

2.2 As Olimpíadas verso as Paralimpíadas

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos são realizados a cada 4 anos, em agosto de 2016 o Brasil sediou este evento esportivo e logo após os Jogos Olímpicos, aconteceram os Jogos

³ O Brasil participou pela primeira vez dos Jogos Paralímpicos em 1972, em Heidelberg, na Alemanha, quando outras 41 delegações marcaram presença. Ao todo 20 atletas do país competiram somente no masculino.

⁴ Comitê Paralímpico Internacional- IPC, disponível em: <http://www.cpb.org.br/>

Paralímpicos. É importante destacarmos que estes jogos serão os primeiros Jogos Olímpicos e Paralímpicos realizados na América do Sul.

Esclarecendo um Pouco mais especificamente sobre os Jogos Olímpicos e não os Paralímpicos. No dia 21 de abril de 2016, foi acesa na cidade de Olímpia, na Grécia, a Tocha Olímpica dos jogos de 2016 foi conduzida durante cinco dias por cidades da Grécia até embarcar para o Brasil. No país-sede dos jogos, a tocha passou por 329 cidades em todos os estados e no Distrito Federal. Segundo o Comitê Olímpico⁵ o Brasil concluiu os jogos com sete medalhas De ouro, seis de prata e seis de bronze, alcançando a 13ª posição no ranque de medalhas, posição honrosa para o país-sede, apesar de almejar a 10ª posição. A Olimpíada Rio 2016 contou com 41 esportes, incluído duas novidades: o golfe, que voltou a ser disputado depois de 112 anos, e o rúgbi, que não estava entre os jogos desde 1924. Foram 306 provas diferentes, sendo 136 modalidades femininas e 161 masculinas, além de outras nove disputadas de forma mista. Entre os esportes estão: Atletismo, Badminton, Basquete, Boxe, Canoagem Slalom, Canoagem, Ciclismo BMX, Ciclismo Mountain Bike, Ciclismo de Estrada, Ciclismo de Pista, Esgrima, Futebol, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Golfe, Handebol, Hipismo Adestramento, Hipismo Concurso, Hipismo Saltos, Hóquei sobre grama, Judô, Levantamento de Peso, Luta Livre, Luta Greco-romana, Maratona Aquática, Nado Sincronizado, Natação, Pentatlo Moderno, Polo Aquático, Remo, Rugby de 7, Saltos Ornamentais, Taekwondo, Tênis de Mesa, Tênis Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela e Vôlei de Praia. Desembarcaram no Rio de Janeiro 10.500 atletas de 206 países. A maioria das disputas aconteceram em 32 arenas espalhadas pela cidade, com exceção do futebol, que houve partidas nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, Manaus Salvador e São Paulo.

O símbolo que representa os Jogos Olímpicos do Rio é a mascote Vinícius um animal que nasceu da mistura de diversos bichos da fauna brasileira. O nome é inspirado no poeta e compositor Vinícius de Moraes e foi escolhido pela população por meio de uma votação online. Segundo o comitê, foram comercializados 7,5 milhões de ingressos, divididos em quatro categorias diferentes. O ingresso mais barato custou R\$40,00 reais e o mais caro foi por R\$4.600,00 reais.

Aqui retomamos as explicitações sobre os jogos Paralímpicos, para que esse evento fosse realizado o cenário passou por transformações no período de um mês, para fazer as

⁵ Comitê Olímpico, disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br>

adaptações nos ambientes que iriam acontecer os jogos. Estes jogos ocorreram após as olimpíadas, seu quadro de medalhas alcançou 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze totalizando 72 medalhas, com 23 modalidades e 528 provas em 11 dias, com 265 medalhas femininas, 265 masculinas e 38 mistas. Essa é a primeira vez que o Brasil contou com representantes em todas as modalidades. Entre os esportes paralímpicos estão: Atletismo, Basquetebol em cadeira de rodas, Bocha⁶, Canoagem Velocidade, Ciclismo de Estrada, Ciclismo de Pista, Esgrima em cadeira de Rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, *Goalboll*⁷, *Halterofilismo*⁸, Hipismo, Judô, Natação, Remo, *Rugby* em cadeira de Rodas⁹, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas, Vela e Voleibol sentado. Entre elas, sete são adaptadas na versão paralímpica dos jogos: basquete em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5¹⁰ e de 7, rugby de cadeiras de rodas, tênis em cadeira de rodas e vôlei sentado. Já os esportes que acontecem de forma tradicional, podem contar com algumas diferenças: corredores cegos participam com guias, por exemplo, enquanto a bola no futebol conta com um guizo, para que os jogadores com deficiência visual possam segui-la por meio do som. A Bocha e *goalball* são esportes exclusivos dos Jogos Paralímpicos

⁶ A competição consiste em lançar as bolas coloridas o mais perto possível de uma branca (jack ou bolim). Os atletas ficam sentados em cadeiras de rodas e limitados a um espaço demarcado para fazer os arremessos. É permitido usar as mãos, os pés e instrumentos de auxílio, e contar com ajudantes (Calheiros), no caso dos atletas com maior comprometimento dos membros.

⁷ As partidas são realizadas em dois tempos de 12 minutos, com 3 minutos de intervalo. Cada equipe conta com três jogadores titulares e três reservas. De cada lado da quadra, há um gol com 9m de largura e 1,30m de altura. Os atletas são, ao mesmo tempo, arremessadores e defensores. O arremesso deve ser rasteiro ou tocar pelo menos uma vez nas áreas obrigatórias. O objetivo é balançar a rede adversária.

⁸ No halterofilismo, competem homens e mulheres que possuam deficiência nos membros inferiores (amputados e lesionados medulares) e paralisados cerebrais. Os atletas executam um movimento chamado supino, deitados em um banco. Cada competidor tem três tentativas. O maior peso levantado é considerado como resultado final.

⁹ Os jogos ocorrem em quadras de 15m de largura por 28m de comprimento e têm 4 períodos de 8 minutos. O objetivo é passar da linha do gol com as duas rodas da cadeira e a bola nas mãos. Assim como no Rugby convencional, a modalidade para cadeirantes tem muito contato físico. São quatro atletas em cada equipe, que contam ainda com 8 reservas cada.

¹⁰ O futebol de 5 é exclusivo para cegos ou deficientes visuais. As partidas normalmente são em uma quadra de futsal adaptada, mas desde os Jogos Paralímpicos de Atenas também têm sido praticadas em campos de grama sintética. O goleiro tem visão total e não pode ter participado de competições oficiais da Fifa nos últimos cinco anos. Junto às linhas laterais, são colocadas bandas que impedem que a bola saia do campo. Cada time é formado por cinco jogadores – um goleiro e quatro na linha. Diferentemente de um estádio convencional de futebol, as partidas de futebol de 5 são silenciosas, em locais sem eco. A bola tem guizos internos para que os atletas consigam localizá-la. A torcida só pode se manifestar na hora do gol. Os jogadores usam uma venda nos olhos e, se tocá-la, cometerá uma falta. Com cinco infrações, o atleta é expulso de campo e pode ser substituído por outro jogador. Há ainda um guia, o chamador, que fica atrás do gol, para orientar os jogadores, e que diz onde devem se posicionar em campo e para onde devem chutar. O técnico e o goleiro também auxiliam os jogadores em quadra. O jogo tem dois tempos de 25 minutos e intervalo de 10 minutos.

Os Jogos da XV Paralimpíadas de verão de 2016, realizados com a participação de 176 países, tendo como slogan “ Um mundo novo”, com sede no Brasil, 4500 atletas, teve sua abertura em 7 de setembro com o Presidente de República; Michel Temer e com juramento do atleta Phelipe Andrews e árbitro Raquel Daffre, no Estádio do Maracanã e teve como representante da tocha, Clodoaldo Silva o Clodoágua como assim é conhecido é um nadador paraolímpico brasileiro, conheceu a natação como processo de reabilitação no ano de 1996, em Natal. Quatro anos depois, já conquistava suas primeiras medalhas em Jogos Paraolímpicos (três de prata e uma de bronze). Nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004, conquistou (6 de ouro e 1 de bronze) conquistando à época o título de brasileiro recordista de medalhas de ouro em paraolimpíadas. Nas quatro paraolimpíadas que disputou, Clodoaldo acumula treze medalhas, sendo seis de ouro. A tocha paralímpica foi escolhida por meio de um concurso entre 76 agências brasileiras, o modelo escolhido segue o mesmo padrão utilizado na tocha olímpica, porém, com algumas inscrições em braile. Nesse evento houve a participação nestas modalidades a canoagem e paratriatlo. A mascote das Paralimpíadas 2016 foi o Tom em homenagem a Tom Jobim, representando a flora brasileira. De acordo com o Comitê Paralímpico, o ingresso mais barato custou R\$10,00 reais e o mais caro custou R\$130,00 reais.

A Paralimpíada ainda está longe de ser um evento inclusivo, pois ela em si já se encontra excluída das Olimpíadas, principalmente se tratando de visualização e respeito da mídia como um todo. Não desmerecendo as Olimpíadas nem os atletas Olímpicos, as Paralimpíadas poderiam ter sido um evento mais valorizado considerando as suas dimensões sociais educativas e transformadoras. Para que os Jogos Paralímpicos tenham um significado social é necessário que as mídias, órgãos do governo, assim como os profissionais de educação assumam ações inclusivas e as disseminem o máximo possível. Se não houver um compromisso destes setores citados acima não se forma uma nova opinião, não se constrói na modernidade uma cultura de inclusão social. Estes atletas paralímpicos são exemplos de superação, de garra e força, e através deles muitas pessoas com e sem deficiência podem ser influenciadas e se motivarem, ao ver que mesmo com a deficiência os atletas vencem limites grandiosos e seus esforços são recompensados.

As paralimpíadas ocorrem há muitos anos, porém a disponibilidade para assistir esse evento é mínima, exatamente por que a mídia e outros setores da sociedade não se empenham em estimular, divulgar esse evento que inclusive carrega em si um cunho educativo com forte apelo de demonstração de resiliência. A ausência da mídia e dos setores do governo demonstra o quanto ainda somos excludentes. Nosso sistema capitalista não tem contribuído

da forma que deveria, pois, esses atletas têm muito a somar com a formação do cidadão, no sentido de ampliar a dimensão as potencialidades e possibilidades de cada deficiente ser inserido na sociedade e ter como garantia a sua participação e contribuição, levando em consideração os limites de cada indivíduo. A exclusão social já é antiga em nosso país, sendo assim Magendzo (2006) explica “[...]que tem por objetivo desenvolver nos indivíduos e nos povos suas máximas capacidades como sujeito de direitos e propiciar-lhes as ferramentas e elementos para faze-los efetivos. ” (MAGENDZO,2006, p.3). É necessário quebrar paradigmas e realmente dar valor a atitudes de inclusão que viabilizem todas as pessoas independente de raça, etnias, deficiência, religião, cultura, sexo e classe social.

2.3. As Paralimpíadas e a Escola

Talvez seja difícil dimensionar todos os reflexos que os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016 tiveram na sociedade brasileira. Pela primeira vez na história, um país da América do Sul sediou as maiores competições do planeta e o fato de o Brasil ter sido o escolhido impulsionou diversos programas do governo federal¹¹ tendo o esporte como referência.

Um dos legados mais importantes que os Jogos de 2016 poderia ter deixado para os brasileiros é a massificação da ideia de que o esporte pode, sim, mudar a vida de milhares de pessoas em todos os sentidos. Isso não quer dizer que todas as pessoas que assistiram os jogos iram se transformar em atletas de alto rendimento, mas é certo que os jogos ajudariam a transformar o modo como pensam alguns indivíduos em relação a importância do esporte em suas vidas.

Nossa sociedade é rica de diferenças, mas, também fértil em atitudes de superação, “[...]pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades, infiltra-se cada vez mais nos diversos campos da vida contemporânea” (MOREIRA, 2001, p. 41). Um evento tão majestoso como foram os Jogos Paralímpicos é sinônimo de diversidade, motivação e principalmente de inclusão, supera todas as

¹¹ Jogos Escolares – competições que identificarão talentos esportivos em modalidades olímpicas e paraolímpicas; Núcleo de Esporte Escolar (NEE) – voltado para o acolhimento dos talentos identificados nos Jogos Escolares. Também as reformas de várias vilas olímpicas que serviram de suporte para o treinamento dos atletas.

expectativas que um ser humano tem em relação às limitações que uma pessoa com deficiência possa ter.

Compreendemos que os jogos Paralímpicos começaram a se tornar exemplo de superação e inclusão, a partir do enfoque dado a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), onde surgiu o termo “inclusão”.

O termo inclusão foi inserido no discurso da educação na década de 90, em duas diretrizes internacionais: a Declaração de Educação para Todos (UNESCO,1990) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994).

Sendo assim, entende-se que: a educação inclusiva tem sido conceituada como um processo de educar conjuntamente de maneira incondicional, nas classes do ensino regular, alunos sem deficiências com alunos deficientes ou não, que apresentam necessidades educativas especiais. A inclusão beneficia a todos, uma vez que sadios sentimentos de respeito à diferença, de cooperação e de solidariedade podem se desenvolver. Por isso tomamos como base a Declaração de Salamanca (UNESCO,1994):

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA,1994, p. 17-18)

Mais professores poderiam ter utilizado as paralimpíadas como uma ferramenta para trabalhar a inclusão em sala de aula e fora dela também. Poderiam ter desenvolvido projetos que a comunidade local renovasse seus valores podendo vivenciar mais que a tolerância e despertar o sentimento de aceitação sobre as pessoas com deficiências.

A Declaração de Salamanca também trouxe em seu discurso o termo “Necessidades Educativas Especiais. Este termo novo conceito se originou no “Relatório de Werneck” (Grãn-Betanha, 1979), onde: “Nenhuma criança deve ser considerada ineducável, e que a finalidade da educação é a mesma para todos, por ser um bem a que todos têm direito. ” (BRASIL, 2006, p. 61). O conceito afirma que toda criança independente de sua situação, seja ela física, intelectual, motora, ou social todas têm direito a educação.

Um fato intrigante aconteceu em uma escola da rede pública, durante o Estágio Supervisionado de uma aluna da UFPB, onde o professor levou os alunos para assistirem os

jogos Paralímpicos, e duas alunas ficaram horrorizadas, dizendo que era um absurdo sair de casa para a escola e o professor ‘não dar aula”, então nesse ocorrido ficou claro a falta de consciência de alguns estudantes em relação a o processo de Inclusão, Tolerância, Multiculturalismo e Diversidade. Como trabalhar esses aspectos com os alunos? Uma sociedade só será inclusiva quando não for mais preciso ter que falar sobre inclusão, preconceito, racismo, intolerância e outros sentimentos e atitudes discriminatórias que ainda persistem em acontecer no mundo.

Entre os anos de 2012 e 2013 uma das pesquisadoras participou do projeto “Leitura e Escrita” do Professor e Doutor Galdino Toscano de Brito Filho, na escola de Educação Básica da UFPB. Nesse projeto ela pode acompanhar uma aluna com deficiência que teve paralisia cerebral durante o parto, pois nasceu fora de sua hora e ainda ingeriu mecônio. A aluna possuía limitações na fala, audição, locomoção e deficiência intelectual. No terceiro ano do Ensino Fundamental, essa aluna segundo a pesquisadora tinha bastante afeto a sua professora, e o sentimento era recíproco. Aos poucos a pesquisadora foi ganhando a confiança da aluna e construindo um laço forte, ela pôde perceber que a aluna conseguiu evoluir no aspecto intelectual e social, o que mais a impressionou foi a motivação que seus pais lhe deram na época.

Muitos pais de pessoas com deficiência tentam superproteger seus filhos, e acabam com isso criando barreiras e limites para estas pessoas com deficiência. Os pais da estudante acreditavam que ela poderia ir mais além, a pesquisadora lembra bem, quando a professora levou os alunos para prestigiarem essa aluna em uma competição de atletismo na própria universidade, a experiência foi emocionante, porque jamais imaginou uma criança com tantas limitações participando de competições em atletismo. Nessa experiência percebeu-se o quanto o esporte foi uma ferramenta inclusiva e de motivação, apesar das limitações a aluna superou-se a cada dia e segundo a pesquisadora a força de incentivo vinha primeiramente de seus pais que acreditavam em seu crescimento integral e posteriormente de sua turma que interagiu com ela de maneira magnífica, incluindo a professora que era bastante atenciosa e dedicada.

Ao findar do ano de 2012, a aluna com ajuda da mãe, conseguiu aprender a andar de bicicleta, o que para os médicos quando ela nasceu era considerado impossível que ela viesse a evoluir tanto, pois de acordo com seu quadro clínico, uma evolução tamanha como a dela só seria possível através de um transplante de células tronco. Em uma conversa informal com a mãe, a pesquisadora perguntou de onde vinha tanta força dos pais em sempre acreditar na

superação da filha, e mãe¹² respondeu: “Gostaria que minha filha fosse independente, pois não sei a hora da minha partida, não gostaria que ela sofresse tendo que depender de outras pessoas.”(Relatos da Mãe). Para a pesquisadora foi uma das experiências mais completa a qual pôde viver e apreciar de perto, gerando uma profunda reflexão.

Com base nas experiências relatadas acima, percebemos o quanto o convívio com as diferenças propiciam possibilidades de íntimas experiências para o exercício da aceitação.

Referente a esse pensamento os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), apresentam com um dos temas Transversais a Pluralidade Cultural, acreditando na igualdade e na justiça, onde qualquer ser é merecedor das mesmas oportunidades sociais. Na citação identificamos a importância do respeito as diversidades de maneira abrangente, e que realmente o Brasil é um país multiculturalista e que negar essa verdade é criar dificuldades na forma de educar as pessoas e gerar conflitos.

[...] respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas sim respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. (PCNs, 2001:20)

¹² Entrevista concedida por TAL, Fulana de. Entrevista I. [jan.2017]. Entrevistador: Thalita Lucia Almeida de Oliveira. João Pessoa, 2012.

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

O nosso trabalho foi baseado em uma pesquisa qualitativa participante que, visa buscar informações com ajuda da comunidade, para que possamos analisar a realidade dos fatos abordados ao longo do trabalho. Iniciamos a nossa pesquisa pela fase exploratória que se embasa na caracterização do objeto de estudo, no problema, no pressuposto, nas teorias e nos percursos metodológicos. Reis (2008) destaca que:

“A pesquisa exploratória é o primeiro passo de qualquer pesquisa, que acontece quando o tema escolhido é pouco explorado e o pesquisador precisa incorporar características inéditas e buscar novas abordagens. Ela é feita por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas, análises de exemplos sobre o tema estudado.” (REIS,2008, p.55)

Após a escolha do tipo de pesquisa, partimos para a escolha da fonte que seria utilizada e priorizamos a fonte primária, pois ela nos dá a chance de irmos direto a fonte de pesquisa, que foram os questionários aplicados e as entrevistas feitas junto as professoras da instituição de ensino e os técnicos da seleção de *Goalball* e de futebol de 5, para colher dados necessários e atender aos objetivos propostos. Em consonância disso começamos o trabalho por meio de pesquisas bibliográficas, considerando a jovialidade do tema recorremos a sites da internet, onde fizemos os primeiros levantamentos nos sites das Paralimpíadas e Olimpíadas. Depois da coleta de algumas informações, levantamos algumas hipóteses como por exemplo por que os jogos Olímpicos e Paralímpicos não ocorrem junto e através dessa hipótese construímos um questionário com perguntas subjetivas para serem aplicados as professoras de uma escola de rede pública do ensino fundamental na cidade de João Pessoa - PB . O questionário foi feito no período da tarde a duas professoras, uma delas era professora da sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado, escolhemos essa professora pois gostaríamos de saber a opinião dela a respeito das Paralimpíadas e quais foram as atividades educativas que ela propôs na sala de recursos a fim de que os alunos pudessem perceber a importância das Paralimpíadas para a educação inclusiva no Brasil. Optamos também por uma professora de Educação Física da mesma escola de rede pública de ensino fundamental, as pesquisadoras selecionaram esta professora pois queríamos entender, quais seriam as práticas educativas que a professora de Educação Física iria adotar para expor o tema das Paralimpíadas na escola. O questionário foi aplicado as duas professoras no mesmo dia na escola, as pesquisadoras entregaram o questionário e aguardaram um momento para recolher

de volta, com o intuito de ser analisado pelas pesquisadoras, para então obter a veracidade nas informações, contribuindo assim para o enriquecimento informacional da pesquisa.

Ainda sobre a coleta de dados utilizamos como instrumentos de pesquisa entrevistas gravadas, estas entrevistas foram realizadas no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, no período da tarde com dois técnicos, um de *Goalball* e o outro de futebol de 5. Esses técnicos foram selecionados para serem entrevistados pelas pesquisadoras, pois eles eram vistos como mitos na seleção brasileira de Paralimpíada e também eram incentivadores das pessoas com deficiências para ingressarem no esporte com a finalidade, não de se tornarem um paratleta mais sim de se transformarem em uma pessoa capaz de superar seus próprios limites. As entrevistas foram realizadas separadamente e através delas podemos obter diversas informações a respeito dos desafios que os paratletas enfrentaram em sua jornada rumo a Paralimpíada, os benefícios que os esportes trouxeram para a vida desses competidores, a forma como eles ingressaram no esporte e o que eles se transformaram através do esporte, como os competidores treinavam, algumas curiosidades a respeito de como os jogadores se localizavam no meio do campo, por intermédio dessas entrevistas, as pesquisadoras puderam remover algumas lacunas a respeito do que era ser um paratleta Paralímpico.

Através das entrevistas pudemos observar o quanto as paralimpíadas serviram de exemplo tanto para as professoras como para os alunos visando uma educação inclusiva e ações que possam influenciar a comunidade local. Ao falarmos sobre o tema inclusão sem *tabus* e sem barreiras começamos a romper o preconceito que o cerca. Em uma nação ainda tão repleta de preconceitos, somente falar sobre o assunto já é um avanço e tanto. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que realizou a pesquisa em abril de 2010, o Brasil possui 24% de pessoas com deficiência. Onde, se destaca a Região Nordeste com o maior índice de pessoas com deficiência, a Região Sul com o menor percentual de deficientes visuais, a região Centro – Oeste com menos casos de deficiência intelectual.

Mediante as técnicas e os instrumentos utilizados na pesquisa o nosso trabalho progrediu de forma gradativa, oferecendo ao leitor informações novas e verídicas a respeito das Olimpíadas e Paralimpíadas.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para que possamos refletir sobre o que as entrevistas e os questionários revelaram-nos, é necessário destacar as respostas que se aproximam em termo das afirmativas feitas.

No que diz respeito ao questionário, por exemplo existe coincidência direta e correlação nas respostas da questão nº 1 - Na sua opinião, por que os Jogos Paralímpico não acontecem junto as Olimpíadas? Resposta: Deveria, mas talvez não teria atenção suficiente para os atletas. Na questão nº6 – Mediante o evento, você acha que ele é realmente inclusivo? Por que? Resposta: Para a comunidade atleta não.

Já no que diz respeito as entrevistas, perguntamos quais os maiores desafios enfrentados na paralimpíada? E os técnicos afirmaram que durante o evento não houve nenhum desafio para ser enfrentado, os desafios enfrentados foram antes dos jogadores se tornarem atletas paraolímpico, pois antes eles não tinham patrocínios e nem ganhavam bolsa atleta, ou seja, para eles viajarem para competir tinham que pedir doações à parentes, amigos e conhecidos já que a sociedade mantinha uma visão excludente.

A sociedade ainda tem uma visão Médico Patológica, cuja as pessoas com deficiência são vistas como “anormais” e incapazes de exercer qualquer atividade perante a sociedade. Mas, aos poucos a educação inclusiva no Brasil vem ganhando de forma lenta um espaço significativo, segundo os técnicos entrevistados os atletas hoje possuem um auxílio de instituições especializadas para seus atendimentos físicos e para os treinamentos, e ainda ganham uma bolsa atleta para ajudar nas despesas pessoais. Pois os paratletas, não possuem condições de trabalhar, já que os treinos são intensivos.

Podemos então dizer que, estes paratletas são exemplos de superação, não por serem vistos ainda como “coitadinhos” diante da sociedade, mas pela garra e determinação de conquistar espaço e derruba preconceitos. Os técnicos frisam que ao invés de focar as dificuldades eles buscam focalizar os limites ampliados a cada dia por cada paratletas.

Durante a entrevista tiramos algumas dúvidas e curiosidades em relação ao futebol de 5 e ao *Goalball*, perguntamos como os jogadores reconhecem a sua equipe e como eles se situam no campo? E os técnicos disseram que é através da comunicação e dos treinos, e no campo existem alguns referenciais para os jogadores se situarem durante o jogo como as linhas que são em alto relevo, as traves onde o técnico utiliza algo de metal para bater fazendo com que os jogadores a localizem. Outra coisa na Paralimpíada que chamou atenção, foi a discrepância de valores de ingressos da Olimpíada para a Paralimpíada, onde um ingresso no futebol custava 300,00 reais e o futebol de 5, custava 10,00 reais cada ingresso, uma

desigualdade absurda, onde os troféus e medalhas eram os mesmos, é visível a desvalorização e preconceito com os paratletas, pois assim como os atletas Olímpicos deram o melhor de si e conquistaram 7 medalhas de ouros os paratletas também mostraram sua garra, força e perseverança ao conquistar 14 medalhas de ouro, o dobro conquistado nas Olimpíadas, mas que pela falta de valorização e divulgação, esta conquista só teve significado para a comunidade dos paratletas e não para toda sociedade.

Outro problema que também chamou atenção foram as mídias que não deram abertura para as Paralimpíadas. Na TV aberta apenas a Bandeirantes passou alguns jogos, isso é um grande exemplo de desigualdade social, ou seja, o Brasil só mostrou aquilo que foi rentável, isto significa que perdura ainda o jogo do lucro acima do valor educativo. O que nos mostra a importância de refletir sobre os jogos paralímpicos com um olhar de educador explorando o poder educativo que emana de todo o corpo de atletas envolvidos numa demonstração inegável de resiliência, visto que resiliência é a capacidade ou habilidade do indivíduo de persistir nos momentos difíceis mantendo a esperança e a saúde mental.

Segundo as entrevistas realizadas com os técnicos os jogadores dessa Paralimpíada, mostraram que são resilientes, pois não desistiram, mesmo diante de tantos obstáculos tiveram a capacidade de superar e transformar a adversidade em uma experiência que os tornou jogadores paralímpicos. Mas diante de todos os fatos as Paralimpíadas serviram de exemplo para sociedade reconhecer que as pessoas com deficiência têm potencialidades muito pouco conhecidas.

De acordo com as perguntas dos questionários que utilizamos os professores foram fazendo seus comentários afirmando que a Paralimpíada é um evento adaptado para pessoas com diversos tipos de deficiências, por conta disso, esse evento não poderia acontecer junto as olimpíadas, já que os paratletas possuem limitações, não seria justo que competissem com atletas que não apresentam deficiências. Mantendo o nosso respeito a está afirmativa da professora consideramos que os atletas e os paratletas não precisariam competir entre si, porém as provas poderiam ser realizadas no mesmo dia e no mesmo local, tendo em vista que no mundo atual já se tem tecnologia suficiente para fazer adaptações de espaços (se necessário for) em questão de minutos. Contudo nós percebemos que o evento deveria ser unificado começando pelo quer deveria ser chamado unicamente de Olimpíadas, envolvendo atletas com ou sem deficiência, na medida em que se usa o termo “paratletas” já estamos estereotipando os tipos de atletas. Só alcançaríamos a equidade se rompêssemos o nome evento colocando apenas um único nome – Olimpíadas, para todo o evento e um único nome

para todos os atletas que seria – Atletas. Na nossa compreensão todos os competidores são verdadeiros atletas, não conseguimos vê-los com outra ótica.

Segundo as professoras entrevistadas afirmaram que utilizaram a Paralimpíada como exemplo de jogos para um campeonato escolar, que teve adaptações para que os alunos pudessem vivenciar como é ser um atleta com deficiência com deficiência. E também os alunos puderam fazer pesquisas sobre o evento, construíram maquetes, a fim de mostrar um pouquinho como eram os jogos paralímpicos. Ainda segundo as professoras, relatam que a Paralimpíada é um evento inclusivo, já que foi criado com a finalidade de oportunizar os atletas com deficiência a participarem de um evento como esse, dando assim um ponta pé ao preconceito da sociedade, que olha apenas para as limitações dessas pessoas. As professoras afirmam que esse evento precisava de uma divulgação maior, visto que as TVs abertas, não se prontificaram a transmitir a Paralimpíada, pois na visão deles esse evento não teria o público esperado.

O trabalho percorrido foi baseado em três objetivos no qual iremos responder, o primeiro deles foi a correlação da Olimpíada e da Paralimpíada /2016 visando a equidade no que diz respeito aos valores de ambas, cada evento possui suas particularidades, não houve equidade em relação aos dois eventos, um fato que mostrou a discrepância de equidade foi em relação à mídia, as TVs abertas não televisionaram as Paralimpíadas, as redes midiáticas a medida que divulga torna o evento ainda mais televisivo, porém , a falta da mídia na Paralimpíada mostrou que ela é uma ferramenta excludente. E em relação aos valores os paratletas podem até não serem mitos mais foram símbolos de superação. Carlos Alberto Marques (2001) ratifica essa afirmativa,

“A forma como o veículo televisão vem tratando a questão deficiência ratifica a tese de que a cultura, de modo geral, vê tal condição existencial como uma situação de anormalidade e de extremo afastamento do padrão estabelecido como bom e desejável. Ser deficiente representa, pois, muito mais do que ser diferente representa estar fora do padrão de normalidade, o que só serve para atrair a atenção do público ouvinte, que, de um modo geral, parece se deixar seduzir por essa forma violenta de fazer televisão”. (MARQUES,2001 pag.215)

Em nosso segundo objetivo descobrimos, até que ponto os educadores utilizaram as paralimpíadas como referencia em suas práticas educativas, através dos relatos no questionário os professores afirmam que fizeram uso desse evento, porém não exploraram o suficiente para que os alunos percebessem o quanto a Paralimpíada é importante e que a sociedade ainda não deu um espaço necessário para que o paratleta mostrasse o verdadeiro sentido do jogo, que não é de vencer e sim de superar ele mesmo.

Nosso terceiro e último objetivo verificamos de que forma os educadores dimensionaram, sentiram e compreenderam o evento da Paralimpíada, segundo o questionário boa parte demonstram que a população não teve muito acesso ao jogos Paralímpicos, já que não foram televisionado por todas TVs abertas e também pela falta de interesse de alguns professores em manter um olhar mais compreensivo e solidário mediante o evento, além disso poderia ter promovido projetos abordando o tema da Paralimpíada e mostrando não só aos alunos mais também a comunidade que os paratletas, esses sim eram para se tornarem mitos para a nossa sociedade que é tão preconceituosa e excludente em relação as pessoas com deficiência.

5 CONCLUSÕES

Nosso estudo sobre os Jogos Paralímpicos de 2016, a partir de um olhar crítico construtivo, possibilitou a análise da história desses jogos. Com isso no decorrer da pesquisa podemos perceber a diferença de valores dado as Olimpíadas e Paralimpíadas. Mais do que isso, a pesquisa de campo permitiu que fossem inseridos no contexto educacional exemplos dignos de superação e inclusão social. De um modo geral, os Jogos Paralímpicos encontraram a par das Olimpíadas e o maior exemplo dessa discrepância foi a indiferença dada pela mídia de um modo geral a cada evento. Visto que, o processo de inclusão e multiculturalismo devem ocorrer simultaneamente e não separados. O foco das Paralimpíadas foi a valorização dos esportistas com deficiência como atletas, destacando apenas sua atuação na competição independente de seu biótipo ou sua deficiência. Estas competições foram submetidas a uma adequação, para dar oportunidades de vivências produtivas às pessoas envolvidas e também para uma maior percepção de que o profissional deve ser valorizado por suas potencialidades e pela contribuição que oferece à sociedade.

O propósito deste trabalho devotou-se a uma pesquisa de investigação, feita com a finalidade de obter conhecimentos específicos e estruturas a respeito do assunto em discurso, resultante da observação dos fatos e registros de variáveis que foram presumivelmente relevantes para futuras análises. O processo reflexivo, sistemático e crítico, provocou em nossos estudos a descoberta de nossos fatos e a percepção das relações estabelecidas entre inclusão e a visão de sociedade inclusiva.

Ao falarmos sobre o tema inclusão sem *tabus* e sem barreiras começamos a romper o preconceito que o cerca. Em uma nação ainda tão repleta de preconceitos, somente falar sobre o assunto já é um avanço e tanto. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que realizou a pesquisa em abril de 2010, o Brasil possui 24% de pessoas com deficiência, onde a maior incidência está no estado da Paraíba e Rio Grande do Norte, na Região Nordeste. O menor índice segundo o IBGE concentra-se na Região Sul em relação a deficientes visuais, na Região Centro Oeste com o menor número de pessoas com deficiência auditiva e motora e a Região Norte com menos casos de pessoas com deficiência intelectual. Os estados que apresentam o menor percentual foram Roraima e Santa Catarina.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em maio de 2011, revelou que países com renda mais baixa tendem a gastar mais com a saúde de pessoas com deficiência, do que as pessoas que não possuem. A OMS também declarou que as crianças sem deficiência possuem um maior acesso as escolas, enquanto as que têm continuam enfrentando barreiras para

garantirem seus direitos e terem um desempenho significativo de aprendizagem tão bom, quanto, as crianças que não possuem nenhum tipo de deficiência ou necessidades educativas especiais (NEEs).

Em nossa opinião faltam políticas públicas efetivas de acessibilidade e de inclusão venham de fato a fazer parte do dia a dia de todo cidadão. Vimos que os Jogos Paralímpicos apresentam de forma sucinta a possibilidade de inclusão e acessibilidade.

Essa pesquisa foi de suma importância para nós, pois foi por meio dela que aprendemos a refletir mais sobre alguns parâmetros onde o preconceito que ainda perdura agressivamente na sociedade, e por conta disto as pessoas com deficiência em geral se sentem desmotivadas pela sua própria condição existencial. Percebemos que nas Paralimpíadas muitos paratletas tiveram a oportunidade de alavancar a autoestima, mostrando para a sociedade que mesmo com suas deficiências, também são atletas que merecem respeito, admiração e que são os principais exemplos de superação perante todas as pessoas.

Podemos ainda dizer que a hipótese levantada no início do trabalho de que “ os Jogos Paralímpicos do ano de 2016 ainda não representam espaço educativo geradores e construtores de uma consciência social inclusiva”, esta hipótese realmente foi afirmada, pois, verificamos que os jogos não desenvolveram isso em sua totalidade, tendo em vista as diferenças apontadas no decorrer do trabalho, em relação aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Os Jogos serviram de exemplo para que algumas pessoas com deficiências saíssem do sedentarismo e começassem a praticar esportes, espelhados nas incríveis performances dos atletas e paratletas. Os paratletas souberam e sentiram que realmente para chegarem a uma paralimpíadas venceram inúmeras dificuldades em suas vidas e que a maior vitória foi ter feito sempre que seus limites.

Com tudo isso, podemos concluir que o nosso trabalho serviu e servirá de ponte para uma reflexão mais concreta, do que é ser uma pessoa inclusiva, que possa contribuir para ajustar a sociedade a modificar seu olhar ainda tão preconceituoso em relação as pessoas com deficiência. Foi através do nosso curso e da nossa pesquisa que descobrimos, algumas formas de contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Marta Diniz Paulo de; CANEN, Ana. **Identidade Negra e Espaço Educacional: História e Contribuições do Multiculturalismo**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, p. 709-729, set/dez. 2004. Disponível: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em: 06 de maio de 2017.

BATISTA, Rafael. "**Olimpíadas Rio 2016**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/olimpiadas-rio-2016.htm>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

BRANDÃO, C. (org.). **Repensando a pesquisa participante a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL - Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Eventos**. Disponível em < <http://www.cpb.org.br/> >. Acesso em: 10 de março de 2017.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

IG SÃO PAULO. "**Olimpíadas 2016**", Atletas acreditam que Paralimpíadas fará pessoas com deficiência saírem de casa. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-09-27/pessoas-deficiencia-paralimpiada.html>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

JOGOS PARALÍMPICOS 2016. **História das paralimpíadas**. Disponível em: <<https://jogosparalimpicos2016.wordpress.com/historia/>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

MAGENDZO, A **Derechos humanos: um desafio para los docentes de hoy**. Santiago:LOM Ediciones, 2006.

MARQUES, Carlos Alberto. Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais. *Lumina: Facom/UFJF*. v.4, n.2, p. 215-231. Juiz de Fora, julho/dezembro de 2001

PORTAL BRASIL. OMS diz que mais de 1 bilhão de pessoas no mundo sofrem de algum tipo de deficiência. **Agência Brasil**. Publicado em 10/06/2011. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2011/06/oms-diz-que-mais-de-1-bilhao-de-pessoas-no-mundo-sofrem-de-algum-tipo-de-deficiencia>. Acesso em 06 de março de 2017.

REIS, Linda G. **Da teoria a prática o método educar pela pesquisa (MEP)**. 3ª Ed. Revisada e ampliada. Brasília: Senac –DF, 2010.

UNESCO, Coordenadoria Nacional para a integração da Pessoa Portadoras de Deficiência (CORDE). Declaração de Salamanca de princípios, políticos e práticas para as necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994.

VIEIRA, Isabela. IBGE: 24% da população têm algum tipo de deficiência. **Revista Exame**, 27 abr. 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/ibge-24-da-populacao-tem-algum-tipo-de-deficiencia/>. Acesso em: 06 de maio de 2017.

_____, **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Tailândia, 1990.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

(Técnicos dos Atletas paralímpicos)

- 1- Qual é a importância das Paralimpíadas para a educação inclusiva?
- 2- Mediante a vivência de vocês na Paralimpíada, o evento de fato é inclusivo? Por que?
- 3- Quais foram os principais desafios enfrentados pelos participantes das Paralimpíadas?
- 4- No futebol de 5, como os jogadores sabem quem são sua equipe?
- 5- Qual é a reflexão que esse grande evento deixa para a nossa sociedade?
- 6- Durante o evento, qual foi o momento que mais lhes chamou atenção? Porque?
- 7- Qual palavra se resumiria esse evento?
- 8- No futebol de 5, como os jogadores sabem quem são sua equipe?

QUESTIONÁRIO

(Professoras da escola y)

- 1- Na sua opinião porque as Olimpíadas não acontecem nos mesmos dias da Paralimpíadas?
- 2- De acordo Com os jogos Paralímpicos, os alunos da escola tiveram a oportunidade de assistir? E a senhora? O que acharam desse evento?
- 3- Durante os jogos, a senhor (a) propôs alguma atividade em cima desse evento? Qual?
- 4- Quais as reflexões que as paralimpíadas pôde deixar para sociedade na formação de uma consciência inclusiva?
- 5- Na sua opinião quais foram os principais obstáculos enfrentados pelos participantes das Paralimpíadas?
- 6- Mediante o evento você acha que ele é realmente inclusivo? Por que?
- 7- O que poderia ser feito para que um evento desse porte pudesse ter mais mídia na nossa sociedade?